

José Leite de Vasconcelos e Manuel Fonseca da Gama – dois autores unidos por duas obras literárias

JOAQUIM ROQUE ABRANTES*

RESUMO

O cónego Manuel Fonseca da Gama quis enaltecer e divulgar a beleza natural, os valores familiares e humanos, a história geográfica e etnográfica da região onde nasceu e passou a sua infância, com a publicação, em 1940, da obra Terras do Alto Paiva.

A sua fonte de inspiração foi o livro Memórias de Mondim da Beira da autoria do grande etnólogo e arqueólogo português, José Leite de Vasconcelos, que descreve nesta monografia toda a história de um concelho, situado a pouca distância da região do Alto Paiva. A vizinhança das suas terras de origem aproximou os dois autores.

Manuel da Gama, ao reunir elementos para produzir a sua obra, deparou-se com enormes dificuldades porque as fontes de informação eram escassas e as interrogações eram muitas. Pediu, com simplicidade, ajuda a Leite de Vasconcelos e na correspondência que lhe dirigiu, entre 1 de Dezembro de 1939 e 27 de Janeiro de 1941, levanta dúvidas, põe questões e obtém preciosos esclarecimentos do seu Mestre, por quem nutria profunda admiração.

O Museu Nacional de Arqueologia tem um espólio considerável de materiais trazidos pelo seu fundador das Antas da região do Alto Paiva.

Palavras-chave: Manuel da Gama – José Leite de Vasconcelos – Correspondência

* Assessor do Instituto dos Museus e da Conservação. Email: joaquiroque@gmail.com

ABSTRACT

On publishing his work *Terras do Alto Paiva* in 1940, Canon Manuel Fonseca da Gama wanted to praise and to disclose the natural beauty, the human and family values and the ethnographic and geographical history of the land where he was born and spent his childhood, as well.

His source of inspiration was the book *Memórias de Mondim da Beira* by the great Portuguese ethnologist and archaeologist, José Leite de Vasconcelos, who traces in this monograph the whole history of a municipality located near the Alto Paiva region. The geographical vicinity of their birthplaces approached both authors.

On gathering elements to write his book, Manuel da Gama faced great difficulties because the sources of information were scarce, and the questions were too many. He naturally asked Leite de Vasconcelos for help. In the letters Manuel da Gama addressed him, between 1st December 1939 and 27th January 1941, he raises doubts, puts questions and gets valuable explanations from his Master, for whom he had great admiration.

The Museu Nacional de Arqueologia (National Museum of Archaeology) holds a considerable amount of materials that his founder brought from the Dolmens of the Alto Paiva region.

Keywords: Manuel da Gama – José Leite de Vasconcelos – Correspondence

INTRODUÇÃO

José Leite de Vasconcelos é um nome de referência no saber. Deixou uma vasta obra que aborda o estudo do «Homem Português» particularmente nos campos da Arqueologia, da Filologia, da Linguística, da Literatura e da Numismática.

Foi conservador da Biblioteca Nacional e professor na Faculdade de Letras de Lisboa. Criou o Museu Etnológico Português em 1893 (actual Museu Nacional de Arqueologia), do qual foi o primeiro director, lançou a Revista Lusitana em 1889, o Arqueólogo Português em 1895 e o Boletim de Etnografia.

Entre as suas muitas publicações, destacam-se ainda Religiões da Lusitânia, (1897-1913) em três volumes e Etnografia Portuguesa (1933-1988) em 10 volumes. Foi também pioneiro no estudo da onomástica portuguesa com a obra Antroponímia Portuguesa.

Nasceu na Ucanha, concelho de Tarouca, em 7 de Julho de 1858 e faleceu em Lisboa a 17 de Maio de 1941, com 82 anos de idade.

Pode dizer-se, sem sombra de dúvida, que Leite de Vasconcelos é o grande arqueólogo e etnólogo português da 2.^a metade do século XIX e da 1.^a metade do século XX.

Manuel Fonseca da Gama correspondeu-se com José Leite de Vasconcelos entre 1 de Dezembro de 1939 e 27 de Janeiro de 1941. Nasceu na freguesia de Alhais, concelho de Vila Nova de Paiva,



Fig. 1 – Cónego Manuel Fonseca da Gama

distrito de Viseu, no dia 1 de Março de 1882. O seu nome original era Manuel Alves da Fonseca Pinto. A partir de 1930 acrescentou «da Gama». Questão de Patriotismo?

Concluídos os estudos secundários no liceu de Viseu (1893-1898), ingressou no Seminário de Lamego onde viria a terminar o curso de Teologia em 1901.

Cinco anos mais tarde, em 10 de Março de 1906 foi ordenado sacerdote e nomeado pároco de Moimenta da Beira. Entre 1915 e 1922, residiu em Coimbra onde se formou em Direito e, em 1921, foi nomeado professor do Seminário de Lamego, leccionando as cadeiras de História Eclesiástica e Patrologia

Tornou-se correspondente de vários jornais tais como: Portugal, A Voz, Jornal da Beira e Vozes de Lamego. Foi director deste último periódico e assinava habitualmente os seus artigos com o pseudónimo de «Mínimus». Nos seus escritos transparecia a verdade histórica, e esta foi uma preocupação que cultivou e manteve ao longo de toda a sua vida.

Pelos relevantes serviços prestados à diocese, o Bispo de Leiria D. João da Silva conferiu-lhe a dignidade de Cónego.

Em Dezembro de 1940, publicou a sua obra literária principal: TERRAS DO ALTO DO PAIVA. Memória histórico – geográfica e etnográfica do concelho de Vila Nova do Paiva. Na primeira parte, trata da Geografia e da História Geral do concelho e na segunda descreve minuciosamente a evolução histórica de cada freguesia.

A fonte inspiradora desta publicação foi o livro de José Vasconcelos com o título *Memórias de Mondim da Beira*, editado em 1933, tendo o autor já 75 anos de idade. A correspondência que Manuel Fonseca da Gama trocou com Leite de Vasconcelos está intimamente relacionada com esta monografia, como veremos.

Faleceu na freguesia de Alhais, na sua casa de Vila Garcia, em 30 de Janeiro de 1950, aos 67 anos de idade.

Em homenagem a este vulto de homem devotado à causa da terra em que nasceu, viveu e faleceu, foi distinguido com a perpetuidade toponímica: assim, em Vila Nova de Paiva há uma avenida e em Alhais uma rua com o nome do Cónego Manuel Fonseca da Gama.

1. UM OLHAR SOBRE A CORRESPONDÊNCIA DE MANUEL FONSECA DA GAMA PARA JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS

Em 1999, foi publicado pelo Museu Nacional de Arqueologia o Epistolário de José Leite de Vasconcelos como Suplemento n.º1 da revista oficial do museu – *O Arqueólogo Português*.

A correspondência aqui referida é proveniente de 3.690 autores que endereçaram a Leite de Vasconcelos 24.170 espécies. Cada autor tem um número de ordem e as espécies estão inseridas em capas de cartolina «acid-free», devidamente orde-

nadas. Manuel Fonseca da Gama tem o n.º de ordem 1392 e escreveu 6 espécies (n.º 8966-8971), entre 1 de Dezembro de 1939 e 1 de Janeiro de 1941.

Na leitura desta correspondência, que agora vamos apresentar, procuraremos pôr em destaque as perguntas que Manuel da Gama dirigiu a Leite de Vasconcelos, assim como o respeito e a consideração que tinha pelo Mestre. Encontraremos as respostas no capítulo 4.º deste trabalho ao tratarmos do contributo prestado por José Leite de Vasconcelos à obra *Terras do Alto Paiva*.

Nas citações que iremos fazer, ao longo do texto, optamos por manter a grafia original.

1.ª espécie (n.º 8966) – carta. Lamego, 01.12.1939.

Nesta primeira carta, o autor faz a sua apresentação a Leite de Vasconcelos: «Sou padre, natural de Alhais, do concelho de Vila Nova do Paiva, professor de Teologia do Seminário de Lamego». Pede desculpa por incomodar um homem tão sábio para quem o tempo é precioso, mas ao tomar a decisão de escrever uma monografia sobre o seu concelho, depara-se «com dificuldades quase insuperáveis, pois não há praticamente nenhuma documentação». É o amor pela terra onde nasceu e o orgulho pelo seu país que o leva a estudar e a expandir o conhecimento da região de Vila Nova de Paiva, aproveitando a comemoração do 3.º Centenário da Restauração da Independência de Portugal (1640-1940). Daí, ter feito questão que a sua obra fosse publicada em 1940.

Como um viajante que não sabe o caminho a seguir, implora a Leite de Vasconcelos: «Atenda-me por caridade, [...] eu li as suas Memórias de Mondim da Beira, que me deram muita luz e até tenciono servir-me do seu parecer para dar ao meu pobre trabalho título semelhante». De facto, deu ao seu livro o subtítulo de: *Memória histórico – geográfica e etnográfica do concelho de Vila Nova do Paiva*, tendo optado por «memória» em vez de monografia.

Na apresentação da sua obra, realça igualmente quanto deve a Leite de Vasconcelos: «O insigne Mestre, José Leite de Vasconcelos, diz nas suas Memórias de Mondim da Beira (que muitas luzes me deram) a p. 2, que reúne elementos para a história da sua terra – uns obtidos com escavações arqueológicas, outros coligidos em bibliotecas, arquivos, museus ou por ocasiões de leituras e conversas, e outros finalmente, devidos a informações de amigos [...]. Quási poderia fazer minhas, aquelas palavras, pois alguma coisa de tudo aquilo foi manancial em que bebi. E para tão pouco fazer, não foi pequena a cansa, percorrendo as freguesias, devassando arquivos paroquiais, esquadrinhando documentos velhos, por inúteis que parecessem, pesquisando, indagando este e aquele» (id. p. 16).

Voltando ainda a esta primeira carta, vemos que Manuel da Gama pede a Leite de Vasconcelos alguns esclarecimentos relacionados com assuntos e locais que ambos conheciam, devido à proximidade dos concelhos de Tarouca e Vila

Nova de Paiva, aos quais pertencem hoje, respectivamente, as freguesias de Ucanha e Alhais¹.

Esses esclarecimentos dizem respeito a escrituras de doações ao Mosteiro de S. João de Tarouca, aos achados nas antas de Queiriga, à exploração no dólmen de Pendilhe, etc.

2.ª Espécie (n.º 8967) – carta. Lamego, 03.01.1940.

Manuel da Gama começa por agradecer «muito reconhecido» a Leite de Vasconcelos as respostas às questões que lhe apresentou na primeira carta.

Reconhece, com simplicidade, que não possui os livros que Leite de Vasconcelos lhe recomenda e tem dificuldade em os adquirir «pois os honorários de um professor do Seminário, para mais não dão que para um parco sustento». E acrescenta: «Entretanto, não deixe V. Ex.ª de mos citar, para os procurar onde os houver, talvez em Coimbra, na Biblioteca da Universidade».

Pede a Leite de Vasconcelos que o elucide sobre as doações da herdade de Alhais feitas por D. Estevainha Soares ao Mosteiro de S. João de Tarouca, assim como um esclarecimento sobre as milícias de Alhais, Frágoas, Pendilhe e Vila Cova à Coelheira. E conclui com humor: «Fico, pois, a esperar a notícia, pedindo desculpa de lhe lembrar que a pobre não prometas...».

Em contrapartida, fornece a Leite de Vasconcelos uma informação: as antas de Queiriga não são do concelho de Sátão, como o Mestre pensava, mas do concelho de Vila Nova de Paiva.

Termina a carta com um desejo e uma prece: «Desejando a V. Ex.ª muito B. E, e um novo ano cheio de bênçãos, peço a Deus que lhe conceda ainda muitos anos novos, com muita saúde». A carta foi escrita em 1940; Leite de Vasconcelos veio a falecer no ano seguinte em 17 de Maio, com a bela idade de 82 anos. Não chegou a viver os muitos anos que o seu amigo Manuel da Gama lhe tinha desejado.

¹ Alhais, de onde era natural o cónego Manuel Fonseca da Gama, é actualmente uma freguesia do concelho de Vila Nova de Paiva, constituída pelas povoações de Alhais de Cima, Alhais de Baixo, Vila Garcia e o que resta do antigo lugar de Moradais. Tem uma área de 12,85 Km² e dista 2 Km da sede do concelho. Em 1991, tinha 590 habitantes e em 2001 desceu para 527. Foi vila e sede de concelho entre 1514 e 1836.

Ao concelho de Vila Nova de Paiva pertencem hoje os antigos concelhos de Alhais, Frágoas, Vila Cova à Coelheira e Pendilhe. As actuais freguesias que compõem este concelho são: Alhais, Frágoas, Pendilhe, Queiriga, Touro, Vila Cova à Coelheira e Vila Nova de Paiva.

Ucanha, onde nasceu José Leite de Vasconcelos, é hoje uma freguesia do concelho de Tarouca com 5, 28 Km² e 423 habitantes (2001). Foi integrada neste município em 1898. Mas em tempos mais recuados foi sede de concelho até 1836. A partir desta data, esta povoação ficou a pertencer ao concelho de Mondim da Beira, conjuntamente com as freguesias de Granja Nova, Salzedas e Vila Chã de Cangueiros. Em 1801, este concelho tinha 2117 habitantes.

Mondim da Beira é actualmente uma freguesia do concelho de Tarouca tendo deixado de ser concelho em 1896. Nasceu Leite de Vasconcelos em 1858, já tinha 38 anos quando a sua terra natal deixou de pertencer ao concelho de Mondim da Beira.

Fazem parte do actual concelho de Tarouca as freguesias de Dalvares, Gouviães, Granja Nova, Mondim da Beira, Salzedas, São João de Tarouca, Ucanha, Várzea da Serra e Vila Chã da Beira.

3.ª espécie (n.º 8968) – carta. Lamego, 21.04.1940.

Manuel da Gama pede desculpa a Leite de Vasconcelos de não lhe ter agradecido há mais tempo a resposta que lhe dera na carta anterior devido a uma doença de fígado. Leite de Vasconcelos tinha-o informado que não conseguira encontrar no Almanaque das Ordenanças de 1815, qualquer referência às milícias de Alhais, Frágoas, Pendilhe e Vila Cova à Coelheira, que foram concelhos até 1836.

Manuel da Gama estranha esta omissão e escreve na sua carta: «Porquanto ainda hoje em Alhais se diz: a casa, o filho ou o neto do Capitamor, do Alferes-mor e do Sargento. Este título até passou para alcunha dos membros da família do último sargento, dizendo-se António Sargento [...]».

Reconhecendo e apreciando a competência de Leite de Vasconcelos pede-lhe que o elucide se Pinho Leal tem razão ao dizer que Alhais é palavra árabe, derivada de alhares, significando «o guarda» procedente do verbo haras.

Faz-lhe uma segunda pergunta: «E do Rio Paiva qual será a etimologia?»

Termina a carta com a sua habitual delicadeza: «Se as perguntas lhe hão-de dar incómodo tenha-as V.ª Ex.ª por não feitas. Com toda a veneração, subscrevo-me».

Veremos as respostas de Leite de Vasconcelos nas páginas seguintes.

4.ª espécie (n.º 8969) – postal. Vila Nova de Paiva, 18.07.1940.

Manuel da Gama pergunta a Leite de Vasconcelos se ele se lembra do ano em que esteve em Queiriga, a explorar as orcas (antas) daquela freguesia, pois teve conhecimento pelo pároco de Queiriga, que o Dr. Leite de Vasconcelos tinha encontrado na Orca dos Juncais um painel com uma figura representando um homem que segurava uma cabra com uma corda. Continua a carta dizendo que a pessoa que lhe deu essa informação sobre os materiais encontrados na Orca dos Juncais, (depositados posteriormente no Museu Etnológico de Belém) não faz qualquer referência a estes achados, e daí a sua dúvida. Pergunta ainda se a povoação de Moradais, hoje desaparecida, mas que no passado fazia parte da freguesia de Alhais, teria sido habitada pelos Mouros como parece indiciar o seu topónimo.

5.ª espécie (n.º 8970) – carta. Vila Nova de Paiva, 29.07.1940.

Nesta carta, Manuel da Gama retoma os temas apresentados na espécie anterior. Informa Leite de Vasconcelos que na Anta dos Juncais ainda se encontra «a tal pintura a que V.ª Ex.ª se refere».

Que pintura seria esta? A tal figura de um homem segurando uma cabra com uma corda, ou outra pintura diferente, representando figuras humanas, e que Leite Vasconcelos levava para o Museu Etnológico? Ouviu dizer que a tal anta foi considerada Monumento Nacional graças à intervenção de Leite de Vasconcelos. Será verdade?

Mais uma vez, lhe dirige perguntas já feitas em cartas anteriores sobre a toponímia da povoação de Moradais. Faz a referência ao livro *Terras da Beira – Cernancelhe e seu Alfoz*, da autoria do Abade Vasco de Almeida Moreira², seu condiscípulo, que relaciona o étimo mouradal com um antigo bairro de habitação de Mouros. E continua Manuel da Gama na sua carta: «Liguei aquilo com Moradais da freguesia de Alhais que no Cadastro da População do Reino (1527), se diz Muradains. Também já vi num documento o termo Muradais em vez de Moradais, que é ortografia mais conforme com Muradains».

Américo Costa, no seu Dicionário Chorographico de Portugal Continental e Insular (vol. I, 1929, p. 669 – 670), escreve sobre Alhaes: «Fazem parte desta freguesia os seguintes lugares: Alhaes de Cima, Cabo, Moradias, Outeiro e Villa Garcia. O mesmo autor no Vol. VIII, publicado em 1943, na entrada Moradais, na p. 419 diz: «Log[ar] da freguesia de Alhaes, conc. de Penalva do Castelo, comarca de Mangualde».

Achamos curioso como é que o topónimo de um pequeno lugar aparece com cinco variantes: Muradains, Muradais, Mordaes, Moradais e Moradias.

6.^a espécie (n.º 8971) – postal. Lamego, 27.01.1941.

Esta é a última correspondência que Manuel da Gama dirige a Leite de Vasconcelos. Começa por lhe agradecer os favores que lhe dispensou e toma a liberdade de lhe enviar um exemplar do seu livro *Terras do Alto Paiva*.

Pede desculpa pelos defeitos e erros que possa conter devido não só às limitações de uma tipografia de província mas também à falta de uma revisão atenta, serena e cuidada. Isto aconteceu, porque tinha todo o interesse como bom patriota, que a obra fosse lançada em 1 de Dezembro de 1940, ano das Comemorações Centenárias da Restauração da Independência de Portugal. E termina: «Se V.^a. Ex.^a tiver de lhe fazer alguma observação, desejaria por favor ter dela conhecimento. Peço desculpa a V.^a. Ex.^a se lhe não agradar seja no que fôr; mas

² O abade Vasco de Almeida Moreira nasceu em Sernancelhe a 30 de Dezembro de 1879 e foi ordenado presbítero em 30 de Setembro de 1901. Paroquiou a freguesia de Paçô, concelho de Moimenta da Beira, desde 4 de Outubro de 1901 até 1 de Dezembro de 1904; em Agosto, deste mesmo ano, foi nomeado pároco de São João de Tarouca onde esteve até ao final dos seus dias. Faleceu em 30 Setembro de 1932, sendo a sua perda muito sentida na região por ser um homem bom e amigo de ajudar quem precisava.

Foi investigador e arqueólogo. Escreveu a *Monografia do Concelho de Tarouca* editada em 1924 e *Terras da Beira – Cernancelhe e seu Alfoz* que publicou em 1929.

Em 1911, foi nomeado director e organizador do Museu Regional de Lamego. Colaborou com o Dr. José Leite de Vasconcelos e, a seu pedido, orientou as escavações arqueológicas no Castro de Mondim – Paçô, cujo espólio se encontra no Museu Nacional de Arqueologia. Em 1929, regeu a cadeira de Arqueologia no Seminário de Lamego.

É vasta a sua correspondência com o Dr. José Leite de Vasconcelos a quem escreveu 91 espécies entre 1911 e 1932. No *Epistolário de José Leite de Vasconcelos* na p. 182-183 vem a relação desta correspondência tendo o autor o n.º 2285. Em *Memórias de Mondim da Beira*, Leite de Vasconcelos faz várias referências à sua bondade e ao seu saber. Em reconhecimento de pessoa tão notável, a edibilidade de Sernancelhe, com a anuência de toda a população, decidiu atribuir o seu nome ao edifício da Biblioteca Municipal.

antecipadamente confesso que qualquer divergência de parecer é feita no campo do maior respeito que por V^a Ex.^a é bem sentido».

De facto, a revisão do livro deixou passar muitas lacunas. Reconhecendo isso, o autor anexou à sua obra uma folha, a cores, com uma longa corrigenda, que convém ter em conta para uma correcta leitura.

2. TERRAS DO ALTO PAIVA: O AUTOR E A OBRA

O exemplar que temos entre mãos pertence ao Museu Nacional de Arqueologia e foi oferecido ao Dr. José Leite de Vasconcelos, com a dedicatória: «Ao sábio Mestre e eminente Arqueólogo, Sr. Dr. José Leite de Vasconcelos ofe. o autor»

Na realidade, o cónego Manuel da Gama tinha muita consideração por Leite Vasconcelos como poderemos ler na 3.^a carta que lhe escreveu em 21 de Abril de 1949: «Quanto me é possível evito dar incômodo a V. Ex.^a A sua competência é porém insuprível; e ainda que não se queira somos forçados a recorrer a ela, sobretudo quando se trata de matéria tão familiar a V^a. Ex.^a que basta ouvir a pergunta para prontamente lhe dar resposta».

Reconhece também em Leite de Vasconcelos o seu altruísmo abnegado e franco. Na 2.^a carta que lhe dirigiu, em 3 de Janeiro de 1940, diz a certa altura: «Apesar de tanto trabalho na sua avançada idade, – embora, felizmente, lhe não falte a juventude no espírito – promete-me V. Ex.^a prontamente elucidar-me.»

Manuel da Gama dedica o seu livro: «À saudosa memória de meus pais e de uma bondosa e inteligente irmã que Deus guardou para si; às minhas irmãs; ao Sr. D. Agostinho, Venerando Bispo de Lamego, espírito de superior cultura, ao meu concelho e aos meus amigos».

Como dissemos anteriormente, esta monografia está dividida em duas partes. A primeira trata da Geografia e História geral do concelho, assim como da vida e costumes regionais; na segunda parte descreve as várias freguesias do concelho.

Aquilino Ribeiro era amigo de longa data de Manuel da Gama e faz o prólogo desta publicação. Nasceu em Carregal de Tabosa, concelho de Sernancelhe, no dia 13 de Abril de 1885 e conhecia esta região por onde andara sempre em menino e muitas vezes quando era homem já feito. Sobre ela escreveu em 1919 um romance com o título *Terras do Demo* e justifica o nome: «Porque ao chamar-lhe Terras do Demo não quis designá-las por terras do pecado [...] chamei-lhe assim porque a vida ali é dura, pobrinha, castigada pelo meio natural, sobrecarregada pelo fisco mercê de antigos e inconsiderados erros e abusos, porque em poucas terras como esta é sensível o fadário da existência. Só por isto».

Apreciou muito a publicação do seu amigo Manuel da Gama.

Do prólogo respigamos algumas frases: «Meu caro Manuel: acabo de percorrer o teu livro, de folhas ainda soltas e húmidas do prelo com a emoção nostál-

gica de um rajah [...]. Que fragrantas riquezas ele me trouxe! Não te contentando com ser historiador e etnógrafo, foste ainda poeta [...]. Também peregrinei pela Queiriga e tive ocasião de admirar os megalitos das Orcas que encantaram o sábio mestre Dr. Leite Vasconcelos [...]. Pelo teu excelente livro – que me trouxe até Lisboa a serra olorosa, pitoresca e a sua boa gente, santa gente, pobre gente a labutar, a viver, a morrer tão simplesmente, resignada na lei da natureza, que o mistério da vida se desvanece no espírito inquieto, que tão bem temperaste com dois risos e uma lágrima – eu te agradeço, saúdo e abraço.

Lisboa, Natal de 1940.

Aquilino Ribeiro».

Manuel da Gama na apresentação do seu livro, (p. 9-17), põe em realce o orgulho de «Ser Português». Faz-nos percorrer os lugares e as vivências da sua infância, descreve-nos com ternura o amor que recebeu de seus pais e agradece a Deus ter nascido numa terra tão laboriosa e crente. É esta gente e esta terra que tanto ama que quer mostrar ao país, através do livro que conseguiu escrever com inúmeras dificuldades. Mas dá por bem empregue este esforço – é uma oferta que faz ao Povo Português no tricentésimo aniversário da Independência da Nação.

Recordemos algumas passagens (p. 9-17):

«Português, enchem-me a vida, a glória e o renome da minha pátria. Se o orgulho da virtude é pecado, perdoem-mo; mas tenho orgulho do nome português [...]. Fama e grandeza das outras nações, ainda as mais soberbas não lhe fazem sombra [...]».

Nasci em região alta, varrida de miasmas, erguida dos charcos, lavada das águas, purificada das neves. Em pequeno quiseram-me convencer de ter nascido em ruim ninho. Mas, quando um dia me é dado sair de casa e passear os olhos por terras estranhas, ao compará-las com a minha, fui impelido a levantar os olhos para o Céu, e então murmurei sentidamente: perdoai-me Senhor por ter julgado que não foras tão generoso com a minha terra, pois a fizeste um paraíso!

E os nossos? Ó, os Pais! [...] É que, de tão íntimos sentimentos não há tradução para a linguagem.

A minha Mãe! As suas lágrimas, como o seu sorriso iluminado, tantas vezes a traduzir o mesmo sentimento [...].

A meu pai ouvi-lhe dizer já rapazinho: se pudesse, meu filho, trazer-te vestido de oiro, seria esse o teu fato.

O lar, a nossa família ... é lá possível que a saudade não nos rasgue a alma?!

Fora dos pais todos eles eram tios e tias – os parentes e os estranhos – ; era o tio Manuel e a tia Maria, o tio João e a tia Ana [...].

É assim a minha terra.

Terra laboriosa e crente, em que o autóctone mais não sabe que trabalhar e rezar, é das que melhor encarnam as virtudes da raça portuguesa [...]. Na hora, pois, em que estas virtudes se celebram, na hora em que todo o Portugal é uma só romaria [...] empreendi mostrar à gente da minha terra e do meu país, um retalho do esplêndido manto real da gloriosa Nação portuguesa, retalho pobre, sem adornos [...]. Foi isso o que me levou a atirar para a publicidade o que pude conseguir através de mil dificuldades [...] sem todavia poder apresentar um trabalho perfeito – que imperfeito seria sempre nas minhas mãos – porque os obstáculos sempre foram invencíveis. Fiz o que foi possível realizar: isto me dá paz e direito à benevolência do público».

3. CONTRIBUTO DADO POR JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS À OBRA *TERRAS DO ALTO DO PAIVA*

Na correspondência dirigida a Leite de Vasconcelos por Manuel da Gama vimos que este lhe pede vários esclarecimentos. Não temos, infelizmente, a correspondência de Leite de Vasconcelos para Manuel da Gama. Mas percorrendo o livro *Terras do Alto Paiva*, encontramos aí as respostas que o Mestre terá dado ao seu discípulo nas cartas que lhe enviou.

Por vezes, o mesmo assunto é retomado em mais do que uma espécie. Daí, termos optado neste capítulo por enunciar as questões expostas pelo cónego Manuel da Gama, seguidas das respostas obtidas.

3. 1. Escritura de doação de uma herdade ao Mosteiro de São João de Tarouca

– Cartas 1 e 2 (esp. 8966-8967).

Na primeira carta, Manuel da Gama diz a Leite de Vasconcelos que leu nas *Memórias de Mondim* (p. 364), que em 1213 D. Estevainha Soares doou ao Mosteiro de São João de Tarouca uma herdade de Alhais. Esta informação contraria o que vem escrito na p. 158 da mesma obra, ao citar uma doação feita pela referida senhora ao mosteiro em 1221. Pergunta Manuel da Gama: trata-se de duas doações ou da mesma? A resposta vem em *Terras do Alto Paiva*, p. 92, onde o autor diz ter consultado Leite de Vasconcelos e este esclarece: «A respeito da herdade, as datas estão erradas [...]. Os dois parágrafos que eu tenho nas *Memórias de Mondim da Beira* foram separados indevidamente pois constam de um só documento. A data do documento é do ano 1183.» E o cónego Manuel da Gama conclui com graça: «Não é pois do séc. XIII (nem de 1213 nem de 1221) mas do Séc. XII, (1183). Só me louvo de ter provocado esta explicação ao mestre insigne. Errare humanum est».

Na mesma carta agradece a Leite de Vasconcelos o seu esclarecimento sobre a origem do étimo capucha. Trata-se de uma peça de vestuário solta que se usava em regiões agrestes para proteger a cabeça das intempéries. Manuel da Gama pensava que provinha do vocábulo latino *caput* (cabeça). Mas aceita a opinião de Leite Vasconcelos que escreve no seu livro *Memórias de Mondim da Beira*, p. 172, derivar do latim *cucullus*, correspondente a capuz, capelo e carapuça. O *cucullus* foi introduzido em Roma pelos povos do Norte e fabricava-se muito na Gália e na Dalmácia onde teve origem. Em *Terras do Alto Paiva*, o tema é tratado nas p. 37 e 38.

3. 2. Antas de Queiriga: Anta dos Juncais e outras

– Cartas 1,2,4,5, (esp. 8966-8967,8969– 8970).

Nesta correspondência, são feitas várias perguntas sobre as antas que existiam na região do Alto do Paiva, tais como:

- Quando é que Leite de Vasconcelos esteve a explorar as Antas de Queiriga?
- A que concelho pertenciam na altura da sua exploração?
- A Anta dos Juncais tinha no seu interior alguma figura de um homem segurando uma cabra com uma corda?



Fig. 2 – Duas Fig.s antropomórficas pintadas, provenientes da Orca dos Juncais (Museu Nacional de Arqueologia)



Fig. 3 – Vaso proveniente da Orca dos Juncais (Museu Nacional de Arqueologia)

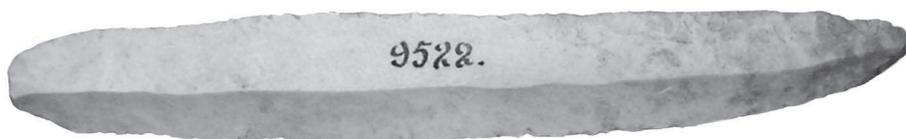


Fig. 4 – Lâmina de sílex proveniente da Orca dos Juncais (Museu Nacional de Arqueologia)

O Arqueólogo Português, Série V, 1, 2011, p. 249-266

– Sendo esta anta a mais importante, houve algumas diligências para ser considerada Monumento Nacional?

– Que espólio foi retirado das Antas de Queiriga, assim como de outras antas da região e deu entrada no Museu Etnológico de Belém?

As respostas a todas estas questões podemos encontrá-las em *Terras do Alto Paiva*, no capítulo 5.º, intitulado «Primitivos Habitantes do Concelho» (p. 65-78).

Nelas podemos ler: «As antas da região do Alto Paiva foram exploradas por Leite de Vasconcelos em Setembro de 1896. Demorou-se aproximadamente por ali duas semanas, tendo contratado um grupo de homens aos quais pagava 12 vinténs diários. Os que lhe apresentavam um objecto de valor recebiam um vintém a mais. Começaram as escavações pela Anta Cimeira onde foram encontradas umas dez setas de osso. Seguiu-se depois a dos Juncais, onde se encontraram vários vasos de barro, pintados e partidos. Mas a parte mais interessante e valiosa desta anta é uma figura que representa dois homens e um cavalo (e não um homem com cabra à rédea). Leite de Vasconcelos trouxe para o Museu Etnológico de Belém um fragmento desta pintura.

A terceira anta a ser explorada foi a do Foginho, onde apareceram alguns machados neolíticos e depois a do Seixinho onde também foram encontrados alguns machados. Seguiram-se outras mais tarde (p. 68 e 69).

As Antas de Queiriga, em 1896, altura em que foram exploradas pertenciam à freguesia de Sátão (p. 71).

A Anta dos Juncais, devido às diligências de Leite de Vasconcelos, junto do Ministro das Obras Públicas, Conselheiro Campos Henriques, foi classificada como Monumento Nacional.

Escreve Leite de Vasconcelos: «Não foi o dolmén dos Juncais o único que me revelou exemplos de pintura neolithicos [...] é por hora neste género o primeiro assinalado nos annais de arte neolithica em Portugal.»³

Uma parte substancial do espólio destas antas encontra-se, como já dissemos, no actual Museu Nacional de Arqueologia.

Manuel da Gama, escreveu em *Terras do Alto Paiva* (p. 77): «Largo é o espólio que o distinto arqueólogo e sábio explorador Dr. Leite de Vasconcelos encontrou nesta região, com o qual enriqueceu o Museu Etnológico de Belém que tem com toda a justiça o seu nome». É realmente um espólio muito valioso!

A relação dos materiais que deram entrada neste museu encontra-se, como já dissemos, em *O Arqueólogo Português*, Vol. III, p 108 a 111, sob os números 66 (alíneas a e c), 69, 71, 73-75 e 78, provenientes das Antas de Sátão, Forles, Fojinho,

³ *O Arqueólogo Português* (1896), Vol. 2, p. 225. Citado também em *Terras do Alto Paiva*, p. 75.

Juncais, Orquinha dos Juncais, Seixinho e Orcas do sítio das Antas. Esta lista vem também reproduzida em Terras do Alto Paiva, p 76-77. Nesta obra, no capítulo referente às antas, podemos encontrar ainda algumas fotografias relacionadas com a Anta do Touro (fig. N.º 11, p. 67), a Orca de Pendilhe (fig. n.º 12, p. 68), a Anta dos Juncais, (fig.13, p. 70), duas Orcas de Queiriga (fig. 14, p. 72 e fig.15, p. 73) e da Anta dos Juncais (fig.16, p. 74).

No livro *José Leite de Vasconcelos – fotobiografia*, (Lívia Cristina Coito; João Luís Cardoso; Ana Cristina Martins, 2008) editado pelo Museu Nacional de Arqueologia para comemorar o 150.º aniversário do nascimento do seu fundador (1858-194) vem reproduzida na p. 143, uma planta da Orca dos Juncais. O desenho original encontra-se neste museu, no Arquivo pessoal de Leite de Vasconcelos, na caixa com a indicação: «Informações e Achados por Proveniência».

3.3. Milícias de Alhais

– Cartas 1-3 (esp. 8967-8969).

No capítulo XI da sua obra, o cónego Manuel da Gama dedica as p. 137 e 138 às Ordenanças. Começa por nos dizer. «Para manter a ordem no reino e defender a Pátria organizaram-se as milícias de que falam as Ordenações afonsinas. Dividia-se o reino em 7 gôvernos que organizavam umas certas brigadas de Ordenanças que eram repartidas em Capitánias-mores, que pertenciam à Coroa, ou às mitras, aos mosteiros, às ordens militares, etc. conforme o senhorio das terras.

Foram reorganizadas por D. João IV, sendo cada companhia de ordenança que era formada por dez esquadras, comandada por um capitão; e cada esquadra era composta de 25 homens comandada por um cabo de esquadra [...] cujo título, ainda hoje é recordado, não sem desprimor. Ao comando da Companhia pertencia além do capitão, um alferes, sargento, meirinho e tambor.

O capitão-mor comandava umas tantas companhias subordinadas à capitania-mor; e nesta, todos até ao tambor passavam a ser mores [...].»

O autor informa-nos que em Alhais ainda tinha conhecido em criança o filho do último capitamôr. Nessa altura, Alhais era sede de concelho. Em 1940, quando estava a escrever o seu livro, ainda havia em Alhais netos, bisnetos e trinetos do capitamôr, assim como alcunhas de António Sargento, Alfredo Sargento [...], e até, nalgumas famílias havia mulheres com o apelido de Sargentas.

Perante isto, Manuel da Gama pergunta a Leite de Vasconcelos se não teria havido milícias em Alhais, Frágoas e Pendilhe (1ª carta). Na segunda carta volta a insistir na mesma questão.

Leite de Vasconcelos elucida-o dizendo: o livro «Almanaque das Ordenanças, do ano de 1815, é omissivo, quanto à existência de milícias em Alhais, Frágoas e

Pendilhe». No entanto, esta lacuna não alterou a convicção do cónego Manuel da Gama, como se pode ver na p. 138 da sua obra e na terceira carta que escreveu a Leite de Vasconcelos.

Tinha razões para isso.

3.4. Etimologia de Alhais

– Carta 3 (esp. 8968).

Nesta carta que Manuel da Gama escreveu a Leite Vasconcelos, podemos ler: «Pinho Leal diz que Alhais é palavra árabe, derivada de alhares, significando o guarda, acrescentando que vem do verbo harasa (guardar, vigiar). Terá algum fundamento? Como não é autor, não é de grande confiança...».

Leite de Vasconcelos responde a Manuel da Gama e este escreve em Terras do Alto Paiva (p. 332): «Os mestres inclinam-se para a derivação do allium latino. O Sr. Dr. Leite de Vasconcelos diz: «Alhais, se não há documento antigo em contrário, deve de ser campos de alhos. Tem o mesmo sentido de Alhares, palavra antiga de formação, porém, independente daquela».

A opinião de Leite Vasconcelos é corroborada pelo Dr. Joseph Piel (Professor das Universidades de Coimbra e de Lisboa), que afirma: «Alhais é plural de alhal, sítio onde se cultivam alhos, cf. Juncal, pinhal, etc. É um topónimo de formação portuguesa e relativamente recente». E acrescenta: «O que diz Pinho Leal não passa de fantasia». É também a opinião de Leite de Vasconcelos: «Pinho Leal diz muitos desconchavos [...]».

São curiosas as variantes que encontramos deste topónimo. No séc. XII aparece-nos Alhaes como se pode ver na doação de D. Estevainha Soares ao mosteiro de S. João de Tarouca; no séc. XIII, Alaes, (Inquirições de D. Afonso III) e no séc. XVI Alhaens, (Cadastro da População no Reino 1527).

3.5. Duas perguntas sem resposta: etimologia dos topónimos «Paiva» e «Moradais»

– Cartas 3 e 5 (esp. 8968 e 8970).

Na terceira carta, datada de 21 de Abril de 1940, Manuel da Gama solicita a Leite de Vasconcelos que o elucide sobre a etimologia do Rio Paiva.

Percorremos atentamente a monografia Terras do Alto Paiva e não conseguimos encontrar qualquer resposta. Recordemos que nesta altura, Leite de Vasconcelos já de saúde muito débil, não tinha ânimo para grandes respostas.

Vimos na Internet, em 6 de Agosto de 2009, um artigo intitulado: História linguística de um nome: Maria Helena Pinto Novais Paiva, assinado por António Pereira, professor da Universidade do Minho. Na p. 9, podemos ler «O étimo de

Paiva será possivelmente um nome pré-romano que no latim apresenta a fórmula Pavia. Como formas antigas deparamos com Pauia nos anos 833, 961, 1108, etc; Paula em 1069, Pauha e Pauya em 1273. No domínio fonético – fonológico é fácil detectar a metátese na passagem de Pavia para Paiva, ocorrida provavelmente no séc. XIII».

Nas espécies 8968 e 8970, Manuel da Gama solicita também a Leite de Vasconcelos que o esclareça sobre a origem do topónimo Moradais. Trata-se de um lugar que pertencia à freguesia de Alhais, conjuntamente com as povoações de Alhais de Cima, Alhais de Baixo e Vila Garcia.

Em 1527, quando se fez o «Cadastro da População do Reino» ordenado por D. João III chamava-se Muradains. Nessa altura tinha 9 moradores, hoje não tem um único habitante. No livro Terras do Alto Paiva, na p. 322, vem reproduzida a fotografia da única casa que em 1940 ainda restava deste lugar e aí podemos ler: «A marcar a antiga povoação apenas sobrevive, além do nome, uma casa de boa cantaria, com aspecto de velha encarquilhada (fig. n.º 64), a que hoje se dá a aplicação de palhal. Nesta casa viveu um francês que foi sargento do exército invasor do qual desertou e que por aqui ficou, ganhando a vida a ensinar as primeiras letras».

Quanto à origem do topónimo Moradais ou Muradais, o Cónego Manuel da Gama na carta dirigida a Leite de Vasconcelos, em 29 de Julho de 1940 (esp. 8970), põe a hipótese de estar relacionada com a presença dos Mouros que teriam habitado este lugar, influenciado pelo que leu no livro *Terras da Beira – Cernancelhe e seu Alfoz*, escrito pelo seu colega e amigo o Abade Vasco Moreira, que diz a p. 240: «E descendo um pouco encontramos o Mouradal, o antigo bairro dos mouros, como o seu nome indica [...], etc.» E continua Manuel da Gama na carta que dirigiu a Leite de Vasconcelos:» liguei aquilo com o Mouradais da freguesia Alhais [...]».

Sobre o assunto, em Terras do Alto Paiva não encontramos qualquer elucidação de Leite de Vasconcelos.

Atrevemo-nos a formular uma hipótese, talvez sem grande fundamento. Em Portugal continental, existe a Serra do Muradal, localizada a NE de Oleiros, sede de concelho e distrito de Castelo Branco. A serra tem 912 metros de altitude e encontra-se rodeada de colinas, cada qual encimada por uma capela de onde se avistam paisagens deslumbrantes. Estas colinas fazem lembrar muros que cercam e servem de apoio à serra.

Terá a povoação de Moradais, pela sua configuração, algo de semelhante à zona envolvente da Serra do Muradal? E daí, derivar o mesmo topónimo? Fica a pergunta.

4. NOTA FINAL

Leite de Vasconcelos disse em certa altura: «Todo o homem, deve fazer em cada dia, duas coisas boas, pelo menos: praticar uma boa acção e aprender qualquer coisa de novo».

Creio que ao longo da sua vida tentou pôr em prática esta norma. Gostava de aprender de mestres, gostava de aprender do povo simples, gostava de aprender dos animais (tinha duas gatas de estimação), gostava de aprender das coisas que observava. Toda a sua vida foi uma aprendizagem constante. Os sábios têm este dom!

Mas, ao mesmo tempo, não guardava o saber só para si. Sentia prazer em partilhar, sentia-se bem em ajudar quem dele precisava, tinha gosto em disponibilizar o que sabia e mesmo o que possuía. Fazia-o com naturalidade, com simplicidade, mesmo quando as forças já lhe iam faltando. Isto dava-lhe paz e alegria. Daí o ter dito um dia: «Afinal o gozo é o terminus de todos os actos da vida mais ou menos disfarçado sob o aspecto material ou espiritual».

A correspondência das primeiras 5 espécies do Cónego Manuel Fonseca da Gama para Leite de Vasconcelos situa-se entre 1 de Dezembro de 1939 e 29 de Julho de 1940. Como vimos, nela põe várias questões a Leite de Vasconcelos na altura em que estava a coligir informações para a obra *Terras do Alto Paiva*. Nesta publicação, podemos ver a ajuda preciosa que Leite de Vasconcelos, já quase no final da sua vida, deu ao autor.

Em 27 de Janeiro de 1941, o Cónego Manuel Fonseca da Gama escreve pela última vez a Leite de Vasconcelos. É a 6.^a espécie, na qual agradece os favores que lhe tinha dispensado e envia-lhe conjuntamente um exemplar do seu livro, pedindo-lhe desculpa dos defeitos que possa ter.

Leite de Vasconcelos não chegou a ver este postal, nem o livro que lhe enviara porque em Novembro de 1940, seis meses antes de falecer, já estava completamente cego. Mas é interessante ler a nota acoplada ao postal que Leite de Vasconcelos ditou a alguém da sua confiança, talvez a Manuel Viegas Guerreiro:

«Disse ao autor em carta de 20. II. 941 que ainda não tinha tido tempo de o ler, por inteiro, mas só o índice e alguns trechos; disto fiquei com a ideia que a obra continha notícias instrutivas e estava escrita com elegância e graça o que realçava o valor científico. O autor podia pois dormir descansado como o aldeão de que fala na p. 273.

Nesta página, Manuel da Gama ao descrever a oração de acção de graças, feita depois da ceia e presidida pelo chefe de família, termina assim: «Dão graças a Deus; depois vão dormir em santa paz».

Mesmo muito doente e invisual, a três meses da sua morte ocorrida em 17 de Maio de 1941, teve a preocupação de pedir que lhe lessem algumas páginas do livro para enviar uma missiva de apreço ao autor. Traduzia deste modo a sua alta

sensibilidade, a sua bondade e apreço pelo trabalho que alguém realizava e até um sentido de humor.

Era assim o Dr. José Leite de Vasconcelos.

BIBLIOGRAFIA

- OARQUEÓLOGO *Português*. (1896) Lisboa. Vol. 2.
- OARQUEÓLOGO *Português*. (1897) Lisboa. Vol. 3.
- COITO, L. C.; CARDOSO, L. J.; MARTINS, A. C. (2008) – *José Leite de Vasconcelos – fotobiografia*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.
- EPISTOLÁRIO de José Leite de Vasconcelos (1999) – Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. (Supl. a *O Arqueólogo Português*; 1).
- GAMA, M. F. da, Pe. (1940) – *Terras do Alto Paiva*. Lamego: [s. n.].
- VASCONCELOS, J. L. de (1907) – Peintures dans des dolmens de Portugal. *L'Homme Préhistorique*. Paris. N.º 1, p. 3-7. Separata.
- VASCONCELOS, J. L. de (1933) – *Memórias de Mondim da Beira*. Lisboa: Imprensa Nacional.